

Cardoso: à vontade entre os intelectuais

por Pepe Escobar
de Paris

No primeiro dia, ele foi re-fém da dívida social – cobrada por ONGs. No segundo, foi um vendedor do produto “Brasil”. No terceiro dia de sua visita de Estado à França, o presidente Fernando Henrique esteve absolutamente à vontade alternando as faces de intelectual e socialite. Encantou o prefeito de Paris, Jean Tiberi, o presidente da Assembléia Nacional, Philippe Seguin, o primeiro-ministro, Alain Juppé, e a audiência que presenciou a mesa-redonda na Sorbonne – O Brasil em um mundo em mutação –, após a qual recebeu a Medalha das Chancelarias das Universidades de Paris. Philippe Seguin, que não o conhecia, admitiu, entusiasmado: “Ele é muito melhor do que diziam”.

Foi um dia proustiano. Em seus discursos e especialmente nos improvisos, FHC rememorou seus “dias de alegria e responsabilidade” em Paris. Para businessmen e políticos, martelou os temas da atualidade. O Brasil voltou a ser um bom partner comercial. Está havendo uma transformação generalizada de sua sociedade. O Mercosul tem uma importância fundamental. O Brasil não é um país pobre: é um país injusto. A França renasceu tecnológica e cientificamente: o Brasil pode fazer o mesmo. “Tudo incita a nossa reaproximação, da razão ao coração”. De acordo com o presidente, te-

mos a oferecer ao mundo não apenas um imenso mercado mas “uma certa imaginação”.

Mas o que lhe estava no fundo do coração era mesmo o “elo-ge” – da art de vivre a maio de 1968 – desta Paris que hoje o recebeu como um Rei, como na cerimônia no glorioso barroco dourado do Hotel de Ville: “Paris nunca cansou de me surpreender”. Na recepção privada após a cerimônia, víamos um FHC feliz da vida – no centro de uma passarela social très parisienne de champagne e canapés em um salão ricamente afrescoado por um discípulo tardio de Delacroix. Trafegavam na exígua sala os mais disparatados exemplos do tout Paris – da monumental socialite Beth Lagardere ao profundo comandante Jacques Cousteau.

Philippe Seguin recebeu o “amigo da França” FHC para almoço em uma das melhores mesas e caves de Paris – no Hotel de Lassay, um “palácio carregado de História” – saudando-o como chefe de Estado de “um dos maiores, mais bonitos e mais dinâmicos países do mundo (...), potente e sem arrogância, do qual Stefan Zweig dizia que era “o mais digno de ser amado e citado como exemplo”. Em um acesso de Christo – o multimídia –, a França não rasgava tanta seda desde os Bourbon. Em eli-

ma de Assembléia, FHC deixou escapar até mesmo o elogio do Congresso brasileiro – o que provocou em alguns presentes alguns sorrisos irônicos. Ofereceu a Philippe Seguin a Grande Ordem do Cruzeiro do Sul – a mais alta condecoração brasileira.

Tradições liberais permanecem vivíssimas na Sorbonne. Os banheiros ainda exibem grafites como “Solidários e revolucionários” ou “Inscruva-se no PCF: falta muito trabalho para mudar esta sociedade de m...”. Na Place de la Sorbonne, estudantes ainda estudam Descartes – em pleno boom de quarto centenário – entre um café e uma Perrier no L’Escholier. Conhecem FHC: “Il est un mec sympa”, um cara legal, o presidente do Brasil que estudou em Paris. Para a geração Nintendo anglo-americana, a Place de la Sorbonne é

O consenso é de que as idéias novas para reformar o sistema não virão do G-7

no máximo reconhecível como o lugar no qual Tarantino escreveu o diálogo McDonald’s em “Pulp Fiction”. A universidade francesa está sem dinheiro. Em Nanterre – onde FHC foi professor alguns meses antes de maio de 1968 –, estudantes viram squatters em cubículos alheios.

No lado oposto da entrada principal da reitoria, na Rue des Ecoles, a Galerie de la Sorbonne vende O Saber – ou seja, um ensaio sobre Foucault – por apenas US\$ 8. Na mesma hora em que alunos espraíavam-se na corte ensolarada, ou debatiam-se com “A estética entre autonomia e política das formas”, a caminho de “O que é a metafísica”, o presidente que estudou em Paris transcendeu a política – praticando uma aula FHC de Brasil e globalização em uma mesa com mais PIB intelectual do que inteiras regiões do planeta, incluindo François Furet, Edgar Morin, Jacques Delors e o mestre de FHC Alain Touraine.

FHC lembrou como ficou espantado porque “em maio de 1968 não se gritava contra o imperialismo: a grande transformação era de espírito. Isso é válido até hoje”. Todos concordaram que as idéias novas para reformar o sistema internacional não virão do G7. A um altíssimo nível de debate, era indistigável o contraste brutal de sua alocução com as intervenções até mesmo melancólicas ou angustiadas de Furet, Delors, Morin, Sachs e Touraine – preocupados não só com a maneira de civilizar a mundialização mas com a possibilidade de termos um novo tipo de totalitarismo surgindo na próxima década. FHC, em contraste, pronunciava dezenas de vezes os termos “esperança” e “otimismo” – que os lendários muros da Sorbonne parecem ter esquecido.

Em um desses muros, vizinho à Sala das Comissões, encontramos um afresco de uma conversa de Pascal com Descartes no Palais Royal em 1643. Ao aceitar a Medalha das Universidades de Paris, FHC disse “não sei como agradecer”. A “emoção limitava a palavra” – ser reconhecido na Sorbonne “com generosidade”. Talvez lembrando do afresco, o presidente observou, emocionado, que para Pascal o coração tem razões, etc. Disse que preferia Descartes a Pascal. Mas, neste dia, era pascaliano.

O Quai D’Orsay julga a viagem de FHC um enorme sucesso. Só três chefes de Estado receberam toda a extensão do tapete vermelho este ano na França: o rei Sihanouk, do Camboja, o rei Hassan, do Marrocos, e o presidente – hoje condecorado doutor honoris causa da Universidade de Lyon. FHC conseguiu até mesmo suavizar o impaciente Alain Juppé – pragmática es-finge que só agora se recupera do desastre social do final de 1995. Juppé não chegou a rolar de rir como na visita de Estado a Paris do rocambolesco príncipe Sihanouk, do Camboja, que contou histórias do Alê – e da Guerra Fria – com amplo sucesso. Juppé também não reprovo a presença no jantar de Beth Lagardere, que, com um Ungaro roxo claro e no mínimo 1,90 metro de salto alto, provou que o clichê do charme da mulher brasileira só pode ser superado pelo charme do presidente com medalha da Sorbonne.

